

# Romeu e Julieta

Charles Gounod

Coro e Orquestra  
Gulbenkian  
Lorenzo Viotti

 GULBENKIAN  
MÚSICA



15 + 17 mar 2019

# Orquestra Gulbenkian

**15 MARÇO**  
**SEXTA**

19:00 — *Grande Auditório*

**17 MARÇO**  
**DOMINGO**

18:00 — *Grande Auditório*

## Charles Gounod

*Romeu e Julieta*

Ópera em Cinco Atos

Libreto de Jules Barbier e Michel Carré, baseado na tragédia homónima de William Shakespeare

## Coro Gulbenkian Orquestra Gulbenkian

**Lorenzo Viotti** Direção Musical

**Vincent Huguet** Encenação

**Aurélie Maestre** Cenografia

**Clémence Pernoud** Figurinos

**Bertrand Couderc** Desenho de luz

**Vannina Santoni** Soprano *Julieta*

**Georgy Vasiliev** Tenor *Romeu*

**Jean Teitgen** Baixo *Frei Lourenço*

**John Brancy** Barítono *Mercúcio*

**Cecília Rodrigues** Soprano *Stéphano*

**Andrew Foster-Williams** Baixo-Barítono *Capuleto*

**Marco Alves dos Santos** Tenor *Tebaldo*

**Carolina Figueiredo** Meio-Soprano *Gertrudes*

**André Henriques** Barítono *Gregório*

**Pedro Casanova** Barítono *Páris*

**Manuel Gamito** Tenor *Benvólio*

**Jorge Matta** Maestro do Coro Gulbenkian

**Diogo Costa** Maestro Assistente de Lorenzo Viotti

**Alexei Eremin** Pianista Correpetidor

**Rita Gonzaga / Carolina Furtado / Daniela Santos** Assistentes de Guarda-Roupa

**Joana Cornelsen / Siça Souza / Marcia Val** Maquilhagem e Cabelos

**Rodrigo Araújo** Contrarregra e Adereços

A Fundação Calouste Gulbenkian agradece  
a colaboração do Teatro Nacional de São Carlos

Esculturas da Coleção da Faculdade  
de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

**b**  
**a** **belas-artes**  
**ulisboa**

MECENAS  
MÚSICA E NATUREZA  
**THE**  
**NANIGATOR**  
COMPANY

MECENAS  
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA  
**V&A** VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO  
**SANTA**  
**CASA**  
Mostre-nos de Lisboa. Por boas causas.

MECENAS  
CICLO PIANO  
**pwc**

MECENAS  
CORO GULBENKIAN

MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA

Estes concertos são gravados pela Rádio e Televisão de Portugal (RTP)

Duração total prevista: c. 2h 50 min.  
Intervalo de 20 min (após o 3.º ato)



# Charles Gounod

Paris, 18 de junho de 1818  
Saint-Cloud, 18 de outubro de 1893

## *Romeu e Julieta*

COMPOSIÇÃO: 1867  
ESTREIA: Paris, Théâtre-Lyrique Impérial, 27 de abril de 1867  
DURAÇÃO: c. 2h 50 min.

A história de amor entre Romeu e Julieta, obra-prima da literatura ocidental escrita por William Shakespeare e estreada em 1595, inspirou diversas obras musicais ao longo dos tempos, desde canções a poemas sinfônicos, bailados e diversas óperas. Atraiu também cineastas, como Franco Zeffirelli (1968), cuja carreira catapultou, ou Baz Luhrmann (1996), que colocou a ação numa Verona moderna do século XX. Charles Gounod (1818-1893), o “compositor do amor”, que durante a sua carreira oscilou entre o apelo da vida eclesiástica e os prazeres profanos, deixou-se também seduzir por esta trágica história que atravessou gerações. Filho de um pintor e de uma pianista, cedo mostrou aptidões musicais. Os vizinhos chamavam-lhe “le petit musicien”, porque adivinhava em que notas gritavam os vendedores de rua. Mesmo após a morte do pai, sua mãe Victoire, por quem revela nas *Memórias de Um Artista* uma profunda admiração, investiu muito na sua educação musical, levando-o a assistir a óperas como *Otello* ou *Don Giovanni*, que muito o marcariam. O jovem Charles iniciou os seus estudos musicais com Anton Reicha, um dos mais conceituados teóricos da época, e no Conservatório de Paris com o discípulo de Cherubini, Jacques Fromental Halévy e com Jean-François Le Sueur. Venceu o prestigiado *Prix de Rome* em 1839, o que o levou à capital italiana por um período de três anos. Como outros vencedores do prémio, durante a estadia familiarizou-se com a música renascentista, nomeadamente com

a obra de Palestrina. Na Villa Medici, dirigida pelo pintor neoclássico Ingres, contactou com Fanny, irmã de Felix Mendelssohn, que o descreveu como um “ouvinte interessado e apaixonado”, talvez “romântico em excesso”, e descobriu os compositores românticos alemães. Estimulado pela inspiradora paisagem italiana, e já anteriormente pela audição da sinfonia dramática *Romeu e Julieta* de Berlioz, projetou a composição de uma ópera baseada na história dos amantes de Verona sobre o libreto de Felice Romani usado por Bellini em 1830. Esta ideia foi entretanto abandonada, encontrando terreno fértil mais de vinte anos depois. De regresso a Paris, Gounod tentou publicar algumas canções, mas os editores não lhe deram grandes oportunidades. Desencorajado, virou as suas atenções para a música religiosa, assumindo o posto de organista na capela das *Missions Étrangères* e ponderando mesmo integrar uma ordem religiosa. Através da influência de Pauline Viardot, foi-lhe encomendada a ópera *Sapho* (1851). Alguns nomes importantes, como Berlioz, reconheceram-lhe mérito e encorajaram-no, mas só em 1859, com *Fausto*, Gounod viria a obter reconhecimento como compositor de ópera. Procurando dar continuidade ao sucesso de *Fausto*, Gounod recorreu aos mesmos libretistas, Jules Barbier e Michel Carré, e instalando-se junto ao mar em Saint-Raphaël, na Provença, onde se isolou e mandou colocar um piano, conseguiu a inspiração necessária para pôr finalmente em música a tragédia de Shakespeare. *Roméo et*



© INGO HOEHN

*Juliette* estreou no Théâtre Lyrique em 1867, ano da Exposição Universal de Paris, com grande sucesso, ofuscando *Don Carlos* de Giuseppe Verdi. Este sucesso não teve, contudo, o seguimento esperado. Criticado no início da sua carreira por ser demasiado moderno, e mais tarde considerado datado, conseguiu reconhecimento no âmbito operático com *Fausto*, mas *Mireille*, cinco anos depois, foi um fracasso, e duas outras obras intermédias ficaram esquecidas. Gounod acabou por pôr de parte os palcos e dedicar-se novamente à música religiosa, deixando a ópera para novos compositores como Saint-Saëns, Bizet ou Massenet, seus discípulos.

O romance de Romeu e Julieta é o coração do enredo da ópera e os libretistas respeitam no essencial a história original. Gounod procura, acima de tudo, o impacto emocional, mas segundo Verdi, falta-lhe fibra dramática: “música maravilhosa, detalhes deslumbrantes, mas nenhum toque pessoal ao drama”. Considerada por vezes excessivamente sentimental, é eminentemente poética e cheia de melodia e ternura, mas falta-lhe porventura a verdadeira paixão. Herdeira da *grand opéra* de Meyerbeer, é no entanto menos enfática e mais realista. Gounod explora um novo género de drama lírico, menos ligeiro do que a *opéra comique*. Mistura elementos leves e sérios com uma grande criatividade melódica, cheia de delicadeza e criando espaço para a linguagem declamatória desenvolvida mais tarde por Massenet e Debussy. O lirismo melódico não cede ao virtuosismo vocal, exceto na valsa de Julieta “Je veux vivre!”, resultado de um pedido especial (e ainda comum na época) de Mme. Marie Caroline Miolan-Carvalho, protagonista na estreia e esposa do diretor do Théâtre Lyrique.

A abertura é marcada por um solo de trombones, apoiado por uma figuração rápida nas cordas que introduzem um carácter lúgubre e agitado. Segue-se um prólogo protagonizado

pelo coro como numa tragédia grega, com intervenções *a cappella*, ao estilo de recitativo, intercaladas com pequenos apontamentos orquestrais onde é descrita a “guerra sem fim” entre Capuletos e Montéquios e anunciada a sorte funesta de Romeu e Julieta que “esquecendo o nome que os ultraja” (“o que há num nome?”, nas palavras de Shakespeare), se deixam inflamar por um mesmo amor. O coro vai tecendo comentários e assumindo personagens coletivas como os convidados da festa ou os amigos de Romeu. Em vez dos dois duetos convencionais entre os protagonistas da ópera do século XIX, existem quatro, representando cada um deles uma nova situação, e são de facto os principais números da ópera. Nas palavras do compositor, o primeiro ato que “termina brilhantemente”, o segundo “terno e sonhador”, o terceiro “animado e expansivo”, o quarto “dramático” e o quinto, “trágico”, constituem uma “bela progressão”. No primeiro ato sobressai o solo de Capuleto e a valsa de Julieta, mas também a *ballade* onde Mercúcio descreve a rainha Mab, troçando do mau presságio de Romeu. O segundo ato é predominantemente preenchido com a cena da varanda. Um dos pontos altos é a cavatina à italiana, “Ah! lève-toi, soleil!” e o dueto “Ô nuit divine je t’implore”, onde o amor de Romeu se exprime com todo o seu esplendor. A cena do duelo lembra o estilo de Meyerbeer e, após a morte de Tebaldo, coro e orquestra interpretam uma marcha fúnebre. O quarto ato é o que contém a melhor música da ópera, sobretudo o dueto “Nuit d’Hyménée”. No último ato, após um sofrido monólogo de Romeu, no dueto final “Viens! Fuyons au bout du monde” os amantes cantam em uníssono, em perfeita união, sustentados por uma orquestração rica e uma progressão cromática que acentua o dramatismo do momento. A última frase, num último fôlego, é um pedido de perdão a Deus.

*Verona, Itália.*  
*O Coro enuncia os elementos do drama:*  
*Montéquios e Capuletos são inimigos de longa data.*  
*Mas os seus filhos, Romeu e Julieta, amam-se.*

### **Ato I**

Num grande baile no palácio dos Capuletos, Tebaldo fala a Páris de Julieta, sua prima, que surge com o seu pai, para ser apresentada à sociedade. Romeu, Mercúcio, Benvólio e seus amigos, entram disfarçados. Romeu, sentindo um mau presságio, quer partir, mas Mercúcio, sarcástico, canta uma balada sobre a rainha Mab, rainha dos sonhos. Julieta por sua vez canta a sua alegria de viver.

Julieta e Romeu veem-se pela primeira vez e apaixonam-se instantaneamente. Romeu faz-lhe uma declaração ardente, mas Tebaldo reentra e suspeita que Romeu, mascarado, é um Montéquio. Enquanto Tebaldo pretende vingança imediata, o pai Capuleto ordena que o baile continue.

### **Ato II**

Romeu debruça-se na varanda de Julieta e comparando-a ao sol, pede-lhe que se mostre. Julieta aparece, mas a passagem de um grupo de valetes interrompe o encontro. Julieta reaparece e propõe que se casem. Sem tempo para jurarem fidelidade, a ama Gertrudes chama Julieta e os amantes separam-se dolorosamente.

### **Ato III**

Romeu e Julieta, acompanhados por Gertrudes, vão procurar Frei Lourenço para que celebre o casamento entre os dois. O padre espera que seja assim possível a reconciliação entre as duas casas veronesas. Stéphan, o pajem, procura

o seu amo. Gregório e Stéphan escaramuçam enquanto surgem homens de ambas as famílias. O duelo inicia-se entre Tebaldo e Mercúcio, que cai morto. Romeu, determinado a vingar o seu amigo, mata Tebaldo e é por isso banido e condenado ao exílio pelo duque de Verona.

### **INTERVALO**

### **Ato IV**

Romeu e Julieta passam a noite juntos e, após um grande dueto, Romeu parte para o exílio. O pai de Julieta lembra-lhe do desejo de que case com Páris. Julieta, desesperada, deseja morrer e procura Frei Lourenço, que lhe propõe um plano: dar-lhe uma poção que a fará dormir, parecendo morta. Após deitada na cripta da família, Romeu irá acordá-la para fugirem juntos. Em cortejo para a capela onde vai realizar-se o casamento, Julieta cai como morta, para consternação geral.

### **Ato V**

Romeu entra no túmulo de Julieta, mas julgando-a morta, pois não recebeu a carta explicativa de Frei Lourenço, ingere veneno. Quando ela desperta da poção veem-se uma última vez e reafirmam o seu amor, antes do veneno fazer efeito. Quando o seu amado desfalece, Julieta apunhala-se, para se unir a Romeu na morte, pedindo o perdão de Deus.

NOTAS E SINOPSE DE SUSANA DUARTE



# Lorenzo Viotti

Maestro



© MÁRCIA LESSA

Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Natural de Lausanne, na Suíça, nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, tendo sido percussionista da Filarmónica de Viena, entre outras orquestras. Em simultâneo, estudou direção de orquestra com Georg Mark, em Viena, e com Nicolás Pasquet, no Conservatório Franz Liszt, em Weimar. Em 2015 venceu o prestigioso *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award*. Anteriormente tinha já vencido o Concurso Internacional de Direção de Cadaqués e o Concurso de Direção MDR (2013). Na sequência destes sucessos, foi convidado a dirigir a Sinfónica de Tenerife, a Filarmónica da BBC de Manchester, a Royal Liverpool Philharmonic e a Orquestra Nacional de Lille. Desde então, dirigiu outras prestigiadas orquestras como as Sinfónicas de Tóquio e Osaka, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica de Bamberg, a Filarmónica de Bremen, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra da Rádio de Munique, a Tonkünstler Orchestra, a Filarmónica de Roterdão, a Sinfónica de Gotemburgo, a Sinfónica Nacional da Rádio

Dinamarquesa, a Camerata Salzburg, a Staatskapelle Dresden, a Gustav Mahler Jugendorchester, a Royal Philharmonic Orchestra, ou a Staatskapelle Berlin. Estreou-se à frente da Orquestra Gulbenkian em janeiro de 2017. Em 2016 foi três vezes convidado a realizar substituições de última hora, tendo-se então estreado à frente da Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, da Sinfónica de Viena, e da Orquestra de Câmara do Festival de Verbier. Em agosto do mesmo ano estreou-se no Festival de Verão de Salzburgo, tendo então dirigido a Orquestra Sinfónica da Rádio de Viena. Regressaria a Salzburgo no ano seguinte, tendo então partilhado um concerto comemorativo com o maestro Christian Thielemann. No domínio da ópera, Lorenzo Viotti dirigiu *La belle Hélène* (Offenbach), no Théâtre du Châtelet, em Paris, *La cambiale di matrimonio* (Rossini), no Teatro La Fenice, em Veneza, *Carmen* (Bizet), em Klagenfurt, *Rigoletto* (Verdi), na Ópera de Estugarda e na Dresden Semperoper, *Viva la Mamma!* (Donizetti), na Ópera de Lyon, e *Werther* (Massenet), em Klagenfurt e Frankfurt. Lorenzo Viotti recebeu o prémio *Newcomer* nos *International Opera Awards 2017*.



© DR

## Vincent Huguet

Encenação

Vincent Huguet é natural de Montpellier. Até 2013 trabalhou com Patrice Chéreau, com destaque para a encenação de *Elektra* (R. Strauss), no Festival d'Aix-en-Provence, tendo dirigido as reposições em Milão, Nova Iorque, Helsínquia, Berlim e Barcelona. Colaborou igualmente com Luc Bondy, Peter Sellars e Ivo van Hove. Em 2012 assinou a sua primeira encenação, *Lakmé* de Delibes, na Ópera de Montpellier. Em 2015 encenou *Love I Obey*, na Philharmonie de Paris, *Contes de la lune vague après la pluie* (X. Dayer; J.-Ph. Wurtz), na Ópera de Rouen e na Ópera Comique, e *Encor sur le pavé sonne mon pas nocturne*, para a Academia do Festival d'Aix. Em 2016 destacou-se: *To be or not to be* (Shakespeare/Purcell; V. Dumestre), em Rouen; *Les Voyages de Don Quichotte* (Ravel, Strauss, Falla, Massenet; M. Minkowski), na Ópera de Bordéus; e *Trois femmes* (Charpentier; S. Daucé), em Caen, Bruges e Versalhes. Em 2017 participou na criação de *Vaille que vivre*, no Festival d'Avignon, com Alexandre Tharaud e Juliette Binoche, e encenou *La vie parisienne* (Offenbach; M. Minkowski), em Bordéus, e *Werther* (Massenet; L. Viotti), em Klagenfurt. Já em 2018, foi o encenador de *Dido e Eneias* (Purcell), no Festival d'Aix, de *Romeu e Julieta* (Gounod), no Teatro de Lucerna, bem como de *Ode Marítima*, na Fundação Gulbenkian. Os seus projetos para 2019 incluem a encenação de *A mulher sem sombra* (R. Strauss), em Viena, com direção musical de C. Thielemann.



© DR

## Aurélie Maestre

Cenografia

Aurélie Maestre estudou Artes Plásticas na Universidade da Provença e Cenografia na Escola Nacional Superior de Artes Decorativas, em Paris. Até 2003 trabalhou como assistente de cenografia no gabinete de estudos do Festival d'art lyrique d'Aix-en-Provence, tendo também assinado os seus primeiros trabalhos no teatro: *La Mouette*, com encenação de Philippe Calvario (Théâtre des Bouffes du Nord, 2001); *Roberto Zucco*, com Philippe Calvario (Bouffes du Nord, Théâtre de Reims, 2003); *Macbeth*, com Army Berry (Théâtre13, Paris, 2013), *Le Voyage en Uruguay*, com Daniel San Pedro (Châteauevallon, 2014) e *Monsieur de Pourceaugnac*, com Clément Hervieu-Léger (Théâtre de Caen, 2015). Em 2016 colaborou em *Le Mystère de l'écureuil bleu*, uma produção da Ópera-Comique levada à cena no Théâtre Impérial de Compiègne. Outras colaborações incluem: *O Amor das Três Laranjas*, com encenação de Philippe Calvario, *Tancredi* (assistente de Yannis Kokkos) e *Il burbero di buon cuore* (assistente de Noëlle Ginefri), para o Teatro Real de Madrid; *La Guerre des fils*, com encenação de Amos Gitai (Festival d'Avignon); *Passion*, de Pascal Dusapin (Théâtre du Jeu de Paume, Aix-en-Provence, 2008); *Partenope* (Teatro Comunale di Ferrara, 2009); *Tristão e Isolda*, com encenação de Giuseppe Frigeni (Ópera Nacional de Bordéus, 2015). Regressou a Aix-en-Provence para trabalhar em *Elektra*, com o encenador Patrice Chéreau, seguindo-se, entre outras, colaborações com Vincent Huguet, em *Les Voyages de Don Quichotte*, (Ópera Nacional de Bordéus, 2016), e com o Ensemble Correspondances e Sébastien Daucé no projeto *Les Histoires Sacrées de Charpentier*.



© DR

## Clémence Pernoud

Figurinos

Clémence Pernoud diplomou-se em Criação Cénica na escola de design de moda ESMOD International, em Paris. Foi assistente de guarda-roupa em produções de ópera no Festival d'Aix-en-Provence, onde trabalhou com Katie Mitchell, Christopher Alden ou Peter Sellars. Paralelamente, assinou figurinos de sua autoria para diferentes projetos teatrais e cinematográficos. Como criadora associada do realizador Laurent La Rosa, trabalhou em projetos cinematográficos e publicitários, incluindo a campanha *Myrtle Beach National*, nos E.U.A., e o vídeo *UFO*. Foi em Aix-en-Provence que Pernoud assinou os seus primeiros figurinos para Jean Bellorini e que conheceu Vincent Huguet, encenador com quem tem vindo a colaborar com regularidade em vários projetos, incluindo *Encor sur le pavé sonne mon pas nocturne* (Festival d'Aix, 2014), *Love I obey* (Scène Nationale d'Alençon, 2015), *Poème Harmonique* (Ópera de Rouen, 2016), *Les Voyages de Don Quichotte* (Ópera de Bordéus, 2016) ou *La vie parisienne* (2017). Colaborou também com o Ensemble Correspondances e Sébastien Daucé no projeto *Les Histoires Sacrées de Charpentier*, e criou os figurinos para *Werther*, de Massenet, no Stadttheater de Klagenfurt (2017). Trabalhou também com o encenador Ted Huffman em *Le premier meurtre*, de Arthur Lavandier, na Ópera de Lille (2016), e com Philippe Béziat e Florent Siaud em *Pelléas et Mélisande*, na Ópera de Bordéus (2018). Atualmente está envolvida na criação dos figurinos para a estreia da ópera *Seven Stones*, de Ondrej Adámek, em julho de 2019, no festival Festival d'Aix-en-Provence.



© DR

## Bertrand Couderc

Desenho de Luz

Bertrand Couderc assina a autoria do desenho de luz de muitos espetáculos de teatro e ópera levados à cena em prestigiados palcos como a Staatoper Berlin, a Metropolitan Opera de Nova Iorque, o Teatro Real de Madrid, a Wiener Staatsoper ou os festivais de Salzburgo e d'Aix-en-Provence. Colabora com o encenador Vincent Huguet desde 2015, nomeadamente em *Les Contes de la Lune Vague*, na Ópera Comique (Paris), *Dom Quixote* e *La Vie Parisienne*, na Ópera de Bordéus, *Dido e Eneias*, no Festival d'Aix, e *Romeu e Julieta*, na Ópera de Lucerna. Mais recentemente, realizou o desenho de luz de *A sagração da primavera* de Stravinsky, com direção musical de Mikko Franck. Em 2005 colaborou com Patrice Chéreau na iluminação de *Così fan tutte* para a Ópera Nacional de Paris. Seguiu-se *Tristão e Isolda* de Wagner, no Scala de Milão, sob a direção de Daniel Barenboim. De referir igualmente *Da casa dos mortos* de Janáček, com direção de Pierre Boulez, no Theater an der Wien. Colaborou também nos dois últimos espetáculos de Luc Bondy: *Charlotte Salomo*, no Festival de Salzburgo (2014), e *Ivanov*, no Odéon, em Paris (2015). Com o agrupamento Pygmalion e o maestro Raphaël Pichon, criou a iluminação para *Funérailles de Louis XIV* (Chapelle Royale de Versailles). No domínio do teatro são de referir *Poussière* (Lars Norén), *L'éveil du printemps* (C. Hervieu-Léger) e *Romeu e Julieta* (Eric Ruf), para a Comédie-Française, bem como *Bouvard & Pécuchet*, para Jérôme Deschamps e o Théâtre de la Ville de Paris.



© CAPUCINECHOCQUEUSE

## Vannina Santoni

Soprano

Pouco tempo depois de concluir a sua formação no Conservatório Nacional de Paris, Vannina Santoni iniciou a sua carreira profissional como Donna Anna (*Don Giovanni*), personagem que interpretou em Itália e Versalhes. Seguiram-se Fiordiligi (*Così fan tutte*), Eurydice (*Orphée aux Enfers*), Micaëla (*Carmen*), Adèle (*O Morcego*) e Adina (*L'elisir d'amore*), bem como Suor Angelica e Lauretta no *Trittico* de Puccini. O Capitólio de Toulouse convidou-a para criar o papel de Patricia Baer (também gravado em DVD) na estreia mundial de *Les Pigeons d'Argiles*, de Philippe Hurel. Seguiram-se novas interpretações de Donna Anna, na Ópera de Colónia, Leila (*Os pescadores de pérolas*), em Nancy, e Julieta (*Romeu e Julieta*), em Hong-Kong. Estreou-se no papel principal de *Manon*, com grande sucesso, na Ópera de Monte Carlo, seguindo-se outro brilhante início na Ópera da Bastilha como Frasquita (*Carmen*). Mais recentemente, Vannina Santoni interpretou a Princesa Saamcheddine (*Mârrouf*, de H. Rabaud), na Ópera Nacional de Bordéus, Agnès (*Nonne Sanglante*, de Gounod), na Ópera-Comique de Paris, Violetta (*La traviata*), no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, e Nanetta (*Falstaff*), na Ópera de Monte Carlo. Os próximos compromisso incluem: a estreia como Pamina (*A flauta mágica*), na Ópera Nacional de Paris; Antonia (*Les contes d'Hoffmann*), na Ópera de Lausanne; Condessa Almaviva, no Théâtre des Champs-Élysées; Adina, no Capitólio de Toulouse; Donna Musica, na estreia mundial de *Le Soulier de Satin*, de Marc-Antoine Dalbavie, na Ópera Nacional de Paris; e a estreia como Tatiana (*Evgeny Onegin*), no Théâtre des Champs-Élysées.



© DR

## Georgy Vasiliev

Tenor

Antes de se dedicar profissionalmente à carreira de cantor, Georgy Vasiliev completou os seus estudos como diretor coral na Academia de Arte Coral de Moscovo. Solista da Deutsche Oper am Rhein, em Düsseldorf, e do Novo Teatro de Ópera de Moscovo, apresentou-se também no Teatro Bolshoi de Moscovo, na Deutsche Oper Berlin, no Grand-Théâtre de Genève, na Opera Australia, na Ópera de Lille e nos Estados Unidos da América. O seu repertório inclui os papéis de Rodolfo (*La bohème*), Duque de Mântua (*Rigoletto*), Lensky (*Evgeny Onegin*), Edgardo (*Lucia di Lammermoor*), Romeu (*Romeu e Julieta*), Alfredo (*La traviata*), Vladimir (*Príncipe Igor*), Nemorino (*L'elisir d'amore*), Pinkerton (*Madama Butterfly*), Vaudemont (*Iolanta*) e o papel principal em *Fausto*. Outros papéis do seu repertório em constante crescimento incluem Don José (*Carmen*), Des Grieux (*Manon de Massenet*), Pollione (*Norma*) e Fernando (*La favorita*). São também frequentes as colaborações de Georgy Vasiliev em concerto, tendo participado em festivais internacionais em Moscovo, Colmar, Annecy, San Sebastián, Utrecht e Cidade do México. O seu repertório inclui grandes obras como o *Requiem* de Verdi, *Os Sinos* de Rachmaninov, a 9.ª Sinfonia de Beethoven ou o *Te Deum* de Bruckner. Em 2016 apresentou-se numa gala ao ar livre na Praça do Palácio de São Petersburgo, com Anna Netrebko, Ildar Abdrazakov e Olga Peretyatko. Noutras ocasiões, partilhou o palco com Nicole Car, Jessica Pratt, Elena Mosuc, Venera Gimadieva, Anna Samuil, Lisette Oropesa, Joyce El-Khoury, George Petean, Rodion Pogossou e Étienne Dupuis.



© STUDIO HARCOURT

## Jean Teitgen

Baixo

Jean Teitgen estudou no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde foi premiado e se diplomou com distinção. O seu repertório profissional estende-se do Barroco francês (Lully, Desmaret, Rebel ou Francoeur) até à música do século XX – Prokofiev, Stravinsky, Zemlinsky, Britten. É também forte a sua ligação à ópera italiana, incluindo *La bohème* de Puccini, *O barbeiro de Sevilha* de Rossini, *Lucia de Lammermoor* de Donizetti, ou as grandes óperas de Verdi (*Nabucco*, *Macbeth*, *Rigoletto*, *Simon Boccanegra*, *Aida*). É um convidado regular dos mais prestigiados teatros de ópera, incluindo Theater an der Wien, Grand Théâtre de Genève, La Monnaie de Bruxelas, Royal Opera House - Covent Garden de Londres ou Opéra-Comique e Théâtre des Champs-Élysées de Paris, tendo atuado sob a direção de importantes maestros como R. Calderon, G. Carella, P. Dumoussaud, L. Equilbey, M. Franck, L. Hussain, L. Langrée, F. Lanzillotta, M. Minkowski, J. Nelson, H. Niquet, A. Pappano, M. Plasson, C. Rousset ou S. Young. Jean Teitgen estreou-se recentemente, com grande sucesso, no papel de Banquo, em *Macbeth* de Verdi. Outras representações de destaque incluem *Lucrezia Borgia*, *Guillaume Tell* e *La Vestale*, no La Monnaie, *Les Vêpres Siciliennes*, na Royal Opera House, *Romeo e Julieta*, em Monte-Carlo, *Don Giovanni*, em Bergen, Rouen e Versailles, *Carmen* em Orange e Madrid, ou *Os pescadores de pérolas*, em Estrasburgo. O seu repertório de concerto é também vasto, incluindo obras como a 9.ª Sinfonia de Beethoven, ou *L'Enfance du Christ* de Berlioz.



© GÉRARD COLLETT

## John Brancy

Barítono

A intensa musicalidade e o poder de comunicação de John Brancy colocam-no entre os mais solicitados barítonos norte-americanos da sua geração. Diplomou-se pela Juilliard School de Nova Iorque e venceu a categoria de canção de câmara do Concurso Internacional de Montreal 2018, um triunfo que o afirmou como um intérprete de primeiro plano neste domínio. Também em 2018, venceu o Concurso Lotte Lenya, em Nova Iorque. Nos palcos da Semperoper Dresden, da Ópera de Edmonton, do Théâtre du Châtelet (Paris) ou da Ópera de San Antonio, participou em muitas récitas de ópera, incluindo *Fantastic Mr. Fox*, de Tobias Picker, *La Cenerentola* (Dandini) de Rossini e *I Was Looking at the Ceiling and Then I Saw the Sky* de John Adams. Acompanhado pelos pianistas Steven Blier e Peter Dugan, apresentou-se na Academia Hugo Wolf de Estugarda, no Carnegie Hall e no Alice Tully Hall de Nova Iorque, no Kennedy Center de Washington D.C. e na Societé d'Art Vocal de Montreal. Na presente temporada interpreta uma eclética programação, repartida por apresentações em recital e várias estreias em concertos e em produções de ópera. Regressa à Ópera de Frankfurt para uma nova produção de *Lost Highway*, de Olga Neuwirth, sob a direção de K. Januschke. Destaque também para os programas *A Silent Night: A WWI Memorial in Song* e *Armistice: The Journey Home*, acompanhado pelo pianista Peter Dugan, e ainda para a sua estreia com a Filarmónica de Nova Iorque numa nova produção de *Atlas* de Meredith Monk.



© PAUL FOSTER-WILLIAMS

## Andrew Foster-Williams

Baixo-Barítono

Andrew Foster-Williams estudou na Royal Academy of Music, em Londres. Depois de se afirmar no repertório barroco, tem vindo a desenvolver uma vibrante carreira artística, cativando o público com a sua versatilidade vocal e o seu natural instinto dramático. Alargando sucessivamente o âmbito das suas atuações a outros estilos e épocas, interpretou, entre outros papéis, Pizarro, em *Fidelio* de Beethoven, no Theater and der Wien e na Philharmonie de Paris, e Telramund, em *Lohengrin* de Wagner, no Festival de Lanaudière e no La Monnaie, em Bruxelas. Outros destaques de atuações recentes incluem *Peter Grimes* (Balstrode) de Britten, *The Rakes's Progress* (Nick Shadow) de Stravinsky, *O ouro do Reno* (Donner) e *O Crepúsculo dos Deuses* (Gunther) de Wagner ou *Pelléas et Mélisande* (Golaud) de Debussy. O repertório de Andrew Foster-Williams inclui também um vasto leque de obras de concerto como as *Paixões* de J. S. Bach, *Um Requiem Alemão* de Brahms, a 9.ª Sinfonia de Beethoven, o *War Requiem* de Britten, *As Estações* de J. Haydn, a *Missa Glagolítica* de Janáček, a 8.ª Sinfonia de Mahler ou *Elias* de Mendelssohn, obras que interpretou em colaboração com orquestras e maestros de renome internacional como a Orquestra de Cleveland e Franz Welser-Möst, a Orquestra do Mozarteum de Salzburgo e Ivor Bolton, a Sinfónica de São Francisco e Michael Tilson Thomas, a Orquestra Real do Concertgebouw de Amesterdão e Richard Egarr, a Filarmónica de Hong-Kong e Edo de Waart, ou a Sinfónica de Londres e Colin Davis.



© DR

## Cecília Rodrigues

Soprano

Cecília Rodrigues estudou Piano e Técnica Vocal no Instituto Gregoriano de Lisboa. Posteriormente concluiu o Curso de Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, com Manuela de Sá. Completou a Licenciatura na Escola Superior de Música de Lisboa, onde frequenta atualmente o Mestrado em Ensino da Música. Foi premiada em vários concursos, nomeadamente: 2.º Prémio no Concurso Internacional de Santa Cecília; Prémio de Interpretação de Música Portuguesa no Concurso Internacional Cidade do Fundão (2013), 1.º Prémio e Prémio Interpretação de Música Portuguesa no Concurso Internacional Cidade de Almada (2015); e 1.º Prémio de Canto no Prémio Jovens Músicos – RTP / Antena 2 (2017). Cecília Rodrigues apresenta-se regularmente como solista em palcos nacionais. Como solista, apresentou-se em vários concertos com a ESML e no festival “Sons da Água”. Colaborou com o Grupo Vocal Olisipo e em 2018 apresentou-se em recital, com João Paulo Santos, no Festival Serões Musicais, no Palácio da Pena, em Sintra, programa que gravou para a Antena 2. Foi também solista no *Stabat Mater* de Pergolesi e no *Magnificat em Talha Dourada* de Eurico Carrapatoso. Em janeiro de 2019, cantou Música Romântica Francesa no Museu Calouste Gulbenkian, um recital inserido na exposição *Pose e Variações*. Integra atualmente o Coro Gulbenkian, com o qual colaborou como solista num concerto dedicado a Gershwin (2017) e em pequenos solos da *Paixão segundo São Mateus* de J. S. Bach (2018).



© DR



© DR



© DR



© DR

## Marco Alves dos Santos

Tenor

Marco Alves dos Santos nasceu em Lisboa. Como bolseiro da Fundação Gulbenkian, licenciou-se em canto pela Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Apresentou-se como solista em Portugal, Espanha, França, Itália, Reino Unido e Alemanha, tendo interpretado vários papéis de ópera e opereta: Tamino (*A flauta mágica*); Mr. Owen (*Postcard from Morocco* de D. Argento); Gastone (*La traviata*); Tristan (*Le Vin herbé* de F. Martin); Leandro (*La Spinalba* de F. A. de Almeida); Orphée (*La descente d'Orphée aux enfers* de Charpentier); Ernesto (*Don Pasquale*); Anthony (*Sweeney Todd*); Nathanael (*Les contes d'Hoffmann*); Duque de Mântua (*Rigoletto*); Prunier (*La rondine*); Kornelis (*La princesse jaune* de Saint-Saëns); Pierre (*The Wandering Scholar* de G. Holst); ou Ferrando (*Così fan tutte*). Em 2015/16 interpretou os papéis de Oddio (*Armida* de Myslivecek), Malcolm (*Macbeth*), Yamadori (*Madama Butterfly*), D. Sancho (*O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis* de Ruy Coelho), Conde Barigoulle (*Cendrillon* de P. Viardot), Conde Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Berger (*Oedipus Rex*), bem como o Evangelista nas *Oratórias de Natal, de Páscoa e da Ascensão*, de J. S. Bach, com a Orquestra Metropolitana, e o tenor solista no *Te Deum* de Charpentier, com a Orquestra Gulbenkian. No âmbito do repertório sinfónico destacam-se ainda concertos com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, o Remix Ensemble, as Orquestras do Algarve, das Beiras, Clássica de Espinho e do Norte, a Sinfónica Juvenil, o Divino Sospiro e o Ensemble MPMP.

## Carolina Figueiredo

Meio-Soprano

Carolina Figueiredo formou-se em canto na Escola de Música do Conservatório Nacional. Trabalha regularmente com Manuela de Sá e, no âmbito de *masterclasses*, com Susana Waters e Lucia Mazzaria. No domínio da ópera, integrou os elencos de *O Anão* (3.ª Camareira) de Zemlinsky, *Dialogues des Carmélites* (Mère Jeanne) de Poulenc, *Madama Butterfly* (Kate Pinkerton) de Puccini, *Ester* (Assuero) de L. Moreira, *El Gato Montés* (Loliya e Pastorcillo) de Penella, *Il Viaggio a Reims* (Modestina) de Rossini, *Bastien und Bastienne* (Bastien) de Mozart, *Turandot* (Uma cantora) de Busoni, *Peer Gynt* (3.ª Pastora) de Grieg, e *Fausto* (Marthe) de Gounod, nos palcos do Teatro Nacional de São Carlos e da Fundação Gulbenkian. Em concerto interpretou, entre outras obras: *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, *Messias* de Händel, *Te Deum* de Charpentier, *Magnificat* de Vivaldi, *Missa em Dó Maior* de Beethoven, *Manfred* de Schumann, *Les béatitudes* de Franck, *Il tramonto* de Respighi, *Sonho de uma noite de verão* de Mendelssohn e *Les nuits d'été* de Berlioz. É regularmente acompanhada em recital por Olga Prats, João Paulo Santos, José Manuel Brandão, Anna Tomasik ou João Vaz. Protagoniza também produções de música contemporânea, de compositores como Carlos Marecos (*Dor e Amor*) e Jorge Salgueiro (*Vida de um Vinho, Eros*), cujas obras estreou e gravou, bem como o papel de Condessa Rosina na ópera *Beaumarchais* de Pedro Amaral. Carolina Figueiredo licenciou-se em Direito e concluiu uma pós-graduação em Tradução.

## André Henriques

Barítono

André Henriques concluiu o Curso de Canto da Escola de Música do Conservatório Nacional, em Lisboa, na classe de António Wagner Diniz. Bolsheiro da Fundação Gulbenkian, estudou com Donald Maxwell no Royal Welsh College of Music and Drama, em Cardiff. No domínio da ópera, interpretou: Guglielmo (*Così fan tutte*), Masetto e Comendador (*Don Giovanni*) e Figaro (*A bodas de Figaro*), com a Orquestra Metropolitana de Lisboa; Um Cristão, em *Poliuto*, na sua estreia no Teatro Nacional de São Carlos (TNSC); Brundibar (*Brundibar*, no Tivoli BBVA e no TNSC); Mufti (*Le Bourgeois gentilhomme*, na Escola de Música do Conservatório Nacional), Sargeant (*The Pirates of Penzance* de A. Sullivan). No âmbito do projeto *enoa*, com Claudio Desderi e Yin Chen Lin, foi Filiberto, em *Il signor Bruschino* de Rossini, e o protagonista em *Gianni Schicchi*, de Puccini, na Fundação Gulbenkian. Interpretou ainda o Gran Sacerdote di Bello (*Nabucco*), Fiorello (*O barbeiro de Sevilha*) e Peter (*Hänsel und Gretel*). Em concerto, cantou *Liebeslieder Waltzes*, de Brahms, no Festival de Música de Sintra, com João Paulo Santos e Olga Prats, *Jephte* de Carissimi, *Te Deum* de Charpentier, o *Messias* de Händel, a *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, a *Missa* de J. D. Bomtempo e a *9.ª Sinfonia* de Beethoven. Mais recentemente cantou o *Stabat Mater* de Szymanowski, sob a direção de David Jones, no St. David's Hall, o *Stabat Mater* de Rossini, com Jeffrey Stewart, e *Acis and Galatea*, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian e o maestro Leonardo García Alarcón.

## Pedro Casanova

Barítono

Pedro Casanova concluiu o curso de Formação Musical e Direção Coral na Escola Superior de Música de Lisboa. Presentemente encontra-se na fase final de obtenção do grau de mestre na mesma instituição, sob a orientação de Francisco Cardoso. Na área do canto trabalha regularmente com Luís Rodrigues. É membro do Coro Gulbenkian desde 2011, onde já trabalhou com Lawrence Foster, David Afkham, Fernando Eldoro, Philippe Herreweghe, Michel Corboz, Jorge Lourenço, Paul McCreesh, Bertrand de Billy, Paulo Lourenço, Leonard Slatkin, Gustavo Dudamel, Ton Koopman, Pedro Teixeira e Joana Carneiro. Como solista do Coro Gulbenkian interpretou, em outubro de 2017, no Panteão Nacional, a obra *Stimmung* de Stockhausen. No domínio da ópera, foi solista em *Beaumarchais* de Pedro Amaral, em junho de 2017, no Teatro D. Maria II, uma encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian. Colabora regularmente com os agrupamentos Voces Caelestes e Officium Ensemble.

# Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a *cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht,

Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

© G.M. MÁRCIA LESSA

**Michel Corboz** Maestro Titular  
**Jorge Matta** Maestro Adjunto

---

#### SOPRANOS

Ana Raquel Sousa  
Ariana Russo  
Claire Santos  
Inês Lopes  
Maria José Conceição  
Mariana Moldão  
Marisa Figueira  
Sara Afonso  
Susana Duarte  
Verónica Silva

#### TENORES

Aníbal Coutinho  
Diogo Pombo  
Gerson Coelho  
Jaime Bacharel  
João Branco  
João Pedro Afonso  
Jorge Leiria  
Miguel Silva  
Pedro Rodrigues  
Rodrigo Carreto

#### CONTRALTOS

Ana Urbano  
Beatriz Cebola  
Carmo Coutinho  
Fátima Nunes  
Joana Esteves  
Joana Nascimento  
Lucinda Gerhardt  
Marta Queirós  
Marta Ribeiro  
Michelle Rollin

#### BAIXOS

Afonso Moreira  
João Costa  
João Luís Ferreira  
José Bruto da Costa  
Luís Neiva  
Mário Almeida  
Nuno Gonçalo Fonseca  
Nuno Rodrigues  
Rui Borrás  
Tiago Batista

---

#### COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

#### PRODUÇÃO

Fátima Pinho  
Marta Andrade  
Joaquina Santos  
Fábio Cachão



# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© GW/MÁRCIA LESSA

**Lorenzo Viotti** Maestro Titular  
**Giancarlo Guerrero** Maestro Convidado Principal  
**Leonardo García Alarcón** Maestro Associado  
**Nuno Coelho** Maestro Convidado

## PRIMEIROS VIOLINOS

Jan Orawiec *Concertino Principal\**  
Francisco Lima Santos  
*1º Concertino Auxiliar*  
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*  
António José Miranda  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
David Wahnnon  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria Balbi  
Otto Pereira  
Tamila Kharambura \*  
Tomás Costa \*  
Anna Paliwoda \*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*  
Jordi Rodriguez *1º Solista*  
Cecília Branco *2º Solista*  
Jorge Teixeira  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Maria José Laginha  
Miguel Simões \*  
Félix Duarte \*

## VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*  
Lu Zheng *1º Solista*  
Isabel Pimentel *2º Solista*  
Patrick Eisinger  
Leonor Braga Santos  
Christopher Hooley  
Maia Kouznetsova  
Nuno Soares \*  
Chiara Antico \*

## VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*  
Marco Pereira *1º Solista*  
Martin Henneken *2º Solista*

## Levon Mouradian

Jeremy Lake  
Raquel Reis

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*  
Domingos Ribeiro *1º Solista*  
Manuel Rego *2º Solista*  
Marine Triolet  
Maja Plüddemann

## FLAUTAS

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*  
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*  
Ana Filipa Lima *2º Solista\**

## OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*  
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*  
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*  
Corne inglês

## CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*  
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*  
José María Mosqueda *2º Solista*  
Clarinete baixo

## FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*  
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*  
Raquel Saraiva *2º Solista*

## TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*  
Kenneth Best *1º Solista*  
Eric Murphy *2º Solista*  
Darcy Edmundson-Andrade  
*2º Solista*

## TROMPETES

Adrian Martinez *1º Solista*  
David Burt *2º Solista*

## TROMBONES

Sérgio Miñana *1º Solista*  
Rui Fernandes *2º Solista*  
Pedro Canhoto *2º Solista*  
Tiago Noites *2º Solista\**

## TUBA

Amílcar Gameiro *1º Solista*

## TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*  
Francisco Sequeira *2º Solista\**  
João Ramalho *2º Solista\**

## ORGÃO

António Esteireiro *1º Solista\**

## HARPAS

Carolina Coimbra *1º Solista\**  
Ana Castanhito *2º Solista\**

\* Instrumentista convidado

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins  
Marta Andrade  
Raquel Serra  
Guilherme Baptista  
Fábio Cachão



# THE 8

PRECISO COMO UM MAESTRO.  
POTENTE COMO UMA ORQUESTRA.



BAYERISCHE MOTOREN WERKE

Consumo de combustível combinado de 5,9 a 6,2 l/100 km.  
Emissões de CO<sub>2</sub> combinadas de 154 a 164 g/km.

# O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é seleccionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

